

A complexa relação entre a Psicanálise e o Marxismo



Igor A. Caruso

Por Sérgio Augusto Franco Fernandes*

Nos anos vinte, o partido comunista solicitou à intelectualidade soviética que se mobilizasse em torno da luta de classes, com o intuito de unificar a teoria marxista e formar novas gerações dentro do espírito do materialismo militante. No campo da psicologia, tomou lugar uma discussão sobre o estatuto da psicanálise, que se desenvolveu no terreno de um pavlovismo reinante, em torno do qual se reuniram representantes do movimento psicanalítico, da psiquiatria, da filosofia, da lingüística e até mesmo o próprio Leon Trotski.

Primeiramente, é necessário esclarecer o significado desse “pavlovismo” reinante. Ivan Petrovitch Pavlov foi um doutor em medicina que, em 1904, ganhou o Prêmio Nobel por seus trabalhos sobre a atividade digestiva. Tal pesquisa o fez levar em consideração um fenômeno chamado “secreção psíquica”¹ que serviria de base para suas hipóteses sobre as funções superiores dos centros nervosos. Foi por meio da fisiologia que ele lançou as bases de uma nova psicologia, fundamentada no estudo dos reflexos condicionados e, a partir destas pesquisas, ele construiu uma tipologia animal que o levou a uma aproximação da psicologia humana. Por ter sido uma autoridade científica internacionalmente reconhecida, suas idéias foram rapidamente assimiladas e difundidas pelo partido comunista.

Por volta de 1923, Leon Trotski, famoso político e revolucionário russo, escreveu a Pavlov para ele explicar que a teoria freudiana poderia ser englobada em uma psicologia materialista, como sendo um caso particular da doutrina dos reflexos condicionados. Trotski considerava a experimentação pavloviana superior à doutrina freudiana, a qual julgava excessivamente “fantasiosa”, embora concordasse que certas hipóteses e conclusões se inscrevessem na linha da psicologia materialista. É importante ressaltar que Trotski, em 1909, freqüentou reuniões de psicanalistas em Viena e leu os trabalhos então publicados por Freud. Poderíamos concluir, portanto, que desde o início do século, o “pavlovismo” constituiu na Rússia o solo primitivo em que se implantou a psicanálise, apesar de tantos contra-pontos².

Na referida discussão sobre o estatuto da psicanálise no campo da psicologia soviética, duas tendências maiores vieram à tona: de um lado, os “freudo-marxistas” e, do outro, os “freudianos autênticos”, que se opunham aos primeiros. Estes, procuravam demonstrar que a teoria freudiana era compatível com os princípios de uma psicologia materialista (ou pavloviana), desde que “(...) *de la fossem amputados a teoria sexual, demasiadamente 'bestial', a pulsão de morte, excessivamente 'pessimista', e um suposto monismo filosófico, supostamente 'idealista'*”,³ do outro lado, os “freudianos autênticos” sustentavam a incompatibilidade absoluta entre o marxismo e a psicanálise. Esse debate sobre a teoria do inconsciente, no entanto, é falseado pelo fato de ambas as correntes se situarem num terreno absurdo em que se considera que o grau de materialismo de uma doutrina possa ser medido por uma avaliação marxista da psicanálise.

É preciso reconhecer que duas descobertas no campo das ciências sociais/humanas,

1-Roudinesco, *História da Psicanálise na França - a batalha dos cem anos, Vol. 2, 1925-1985*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 51.

2 - *Op. cit.*, p. 53.

3 - *Op. cit.*, p. 56.

bastante imprevisíveis, desestruturaram o universo dos valores culturais do século XIX: o materialismo histórico, ou teoria das condições, das formas e dos efeitos da luta de classes (obra de Marx) e o inconsciente (obra de Freud). “*Com Marx e Freud, teorias científicas ocupam, repentinamente, regiões até então reservadas às formações teóricas da ideologia burguesa (Economia, Política, Sociologia, Psicologia) ou, melhor dizendo, ocupam, no interior dessas regiões, posições surpreendentes e desconcertantes*”.⁴

Num certo sentido, os efeitos da luta de classes e os efeitos do inconsciente já eram conhecidos antes de Marx e Freud estudarem tais fenômenos, porque o objeto de estudo das teorias que cada um deles produziu, existiu antes de seu descobrimento. Logo, pode-se dizer que nem um nem outro nada inventou: apenas formularam suas idéias, definindo melhor o seu objeto, seus limites, sua extensão e caracterizaram suas condições, suas formas de existência e seus efeitos, além de formularem também as exigências que se devem cumprir para compreender e atuar sobre seu objeto.

As coisas se tornaram interessantes para Althusser quando tais descobertas “(...) renovaram, totalmente, as condições anteriormente reconhecidas como normais para qualquer descobrimento”⁵, pois romperam com os processos tradicionais de descobrimento nas ciências da natureza e nas formações teóricas da ideologia, o que manifestou, assim, uma certa afinidade entre as duas concepções. Não foi por acaso que tal ruptura comum foi sentida por numerosos contemporâneos, desde que Marx e Freud tornaram-se suficientemente conhecidos.

Para Althusser, Freud ofereceu-nos, assim como Marx, o exemplo de um pensamento materialista e dialético, aproximando, portanto, um e outro, com uma pequena vantagem da parte de Freud, porque ele explorou figuras dialéticas muito parecidas com as de Marx, muitas vezes, porém, mais ricas. Além do materialismo e da dialética, os dois teriam também em comum um fenômeno que Althusser caracterizou como “caráter conflituoso” tanto da teoria marxista como da teoria freudiana. Desde o nascimento das referidas teorias, tal fenômeno nunca deixou de se repetir, provocando sempre contra si uma forte resistência, com ataques e críticas, além de tentativas de anexação e de revisão: “*Digo que tais tentativas de anexação e revisão são mais interessantes que os ataques e críticas, porque significam que a teoria contém - seus adversários o confessam - algo de verdadeiro e de perigoso. Onde*

não existe nada de verdadeiro, não existe, tampouco, nenhuma razão para anexá-lo ou revisá-lo. (...) Cria-se, assim, um círculo, cuja dialética é implacável”.⁶

Ainda em relação ao impasse do “freudo-marxismo”, Gérard Pommier⁷ afirmou que não existia nenhuma articulação direta entre o freudismo e o marxismo. Tratava-se, segundo o autor, de uma relação de fracasso entre o individual e o social: por ter o gozo fracassado, existiu uma tentativa de recuperação no grupo (luta de classes), havendo, então, uma separação irrecuperável entre o sujeito, como ser de desejo, e qualquer uma de suas identificações imaginárias, principalmente a social.

Apesar de não acreditar em nenhuma articulação direta entre o freudismo e o marxismo, Pommier assinalou que, ainda assim, havia um ponto que poderia ser caracterizado como comum entre o materialismo histórico e a descoberta do inconsciente: o reconhecimento de uma falta de essência no homem, que é visto sob perspectivas distintas. No caso do materialismo histórico, a essência do homem reduzir-se-ia ao conjunto de suas relações sociais; no campo freudiano, a ausência de Ser seria o resultado de uma história familiar, de efeitos de linguagem e da estrutura simbólica. Assim sendo, no primeiro caso, o materialismo histórico provocaria o recuo da questão ôntica, mas ficaria dependente da relação com o semelhante: “*Se, de um modo geral, o materialismo explica a consciência pelo ser e não o inverso, esta doutrina, aplicada à sociedade humana, exigia que se explicasse a consciência social pelo ser social*”.⁸ No segundo caso, o mesmo não aconteceria se o lugar do sujeito dependesse apenas do sistema simbólico, uma vez que este é necessariamente incompleto. Desta maneira, não se poderia definir o ser. Portanto, as conjecturas de Freud não estariam de modo algum no mesmo nível das de Marx.

Vale lembrar que Freud, num texto de 1932, ao criticar as concepções de mundo contrárias à “Weltanschauung” (leia-se visão de mundo) científica, se referiu ao marxismo, reconhecendo primeiramente que as investigações de Marx sobre a estrutura econômica da sociedade e sobre a influência de diferentes sistemas econômicos em todos os setores da vida humana adquiriram inegável autoridade nos dias de então, para depois questionar acerca de pontos ainda obscuros: “*Existem assertivas na teoria de Marx que me parecem estranhas: como a afirmação de que o desenvolvimento de formas de sociedade é um processo histórico natural, que as*

4-Althusser, *Freud e Lacan, Marx e Freud*, Rio de Janeiro, Graal, 1984, p. 75.

5-*Op. cit.*, p. 76.

6-*Op. cit.*, p. 78.

7-Pommier, *Freud Apolítico?* Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p. 119.

8-Lenin, *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*, Rio de Janeiro, Global, 1985, p. 22.

mudanças na estratificação social surgem umas das outras segundo um processo dialético. Não estou nada seguro de estar compreendendo corretamente essas assertivas; e não me parecem 'materialistas' mas, antes, semelhantes ao precipitado da obscura filosofia hegeliana, em cuja escola Marx se formou”⁹

Para Freud, a força do marxismo estaria na indicação da influência decisiva que as circunstâncias econômicas dos homens teriam sobre suas atitudes intelectuais, éticas e artísticas, fazendo que, a partir disso, se descobrissem inúmeras correlações e implicações que antes não haviam sido feitas. Contudo, para o referido autor, não se poderia supor que os motivos econômicos fossem os únicos que determinariam o comportamento do indivíduo na sociedade: “É completamente incompreensível como os fatores psicológicos podem ser desprezados, ali onde o que está em questão são as reações dos seres humanos vivos (...)”¹⁰

Mezan¹¹ afirmou que a dialética da História foi reduzida por Freud a dimensões caricaturais, transformando-se em objeto de ironia. Ainda de acordo com Mezan, Freud poderia pretender-se mais rigorosamente materialista do que os próprios marxistas, a quem reprovou nas páginas finais de *O Mal-Estar na Cultura*¹², atribuindo-lhes um desconhecimento idealista da natureza humana. Enfim, o que pareceu decisivo para Freud no pensamento marxista referia-se à análise da ideologia efetuada por Marx que - segundo Mezan, interpretando Freud -, mesmo assim, pecou por reter apenas uma afirmação sobre o modo pelo qual a ideologia atuava sobre os indivíduos, ignorando, deste modo, a relação com a estrutura de classes e sua função determinante, a saber: mascarar o conflito social e apresentar a sociedade como uma e indivisível. Diante de tais idéias, Freud situou-se como defensor do materialismo, negando, porém, a dimensão específica do social.

Daremos agora uma adiantada no tempo, analisando o período que se estende; de 1929, quando Freud escreveu *O Mal-Estar na Cultura*, a 1932, quando Jacques Lacan publicou a sua tese de doutorado *Da Psicose Paranóica em suas relações com a Personalidade*¹³. Nesta tese, Lacan marcou sua primeira incursão no campo pro-priamente psicanalítico, criticando toda a tradição psiquiátrica a partir da perspectiva freudiana, dando relevância ao conceito de inconsciente na análise de um caso de paranóia (o famoso caso “Aimée”)¹⁴. A referida obra obteve uma especial acolhida por parte dos surrealistas, que foram os

primeiros a atribuir, na França, importância para a elaboração freudiana da psicanálise. Lacan rompera, desta forma, com a tradição psiquiátrica e provocou a simpatia da esquerda intelectual, que o vinculou à cena política, em que se misturavam comunistas ortodoxos, dissidentes e surrealistas, todos eles vivendo os conflitos ligados a um comprometimento marxista. Como afirma Roudinesco, “Em suma, esse fervoroso admirador de Maurras, leitor dos romances de Léon Bloy e indiferente a toda tomada de posição política real, viu-se tomado como o vate de uma doutrina materialista no domínio das doenças da alma”¹⁵.

O primeiro a escrever a respeito de tal doutrina, tida como materialista, teria sido Paul Nizan, no *L'Humanité* de 10 de fevereiro de 1933, em cujo artigo afirmou que a tese de Lacan traduzia uma influência bastante consciente do materialismo dialético, embora ele ainda não houvesse esclarecido todas as suas posições teóricas. Em maio do mesmo ano, René Crevel fez o seu elogio ao referido trabalho, publicando um artigo na revista *Surréalisme au Service de la Révolution*, Crevel, em face da sua experiência de análise com o psicanalista René Allendy, logo iria criticá-lo, chamando a psicanálise de corrupta e dizendo que ela se encontrava atolada nos ideais burgueses. Lacan fora visto por Crevel como sendo o porta-voz de um novo espírito que, através do materialismo, permitiria ligar os aspectos individuais e sociais de todo sujeito humano. Lembra-nos Roudinesco¹⁶ que, para Crevel, materialismo seria o mesmo que “análise concreta”.

Em junho de 1933, já no primeiro número da revista *Minotaure*, foi a vez de Salvador Dalí saudar Lacan, escrevendo que, pela primeira vez, tinha-se uma idéia homogênea e total do fenômeno da paranóia, longe das “misérias mecanicistas” nas quais se encontrava atolada a psiquiatria corrente. Consagrado materialista nesse contexto, Lacan abandonou sua teoria “spinozista” da personalidade e renunciou à fenomenologia veiculada pelo discurso psiquiátrico vigente, “(...) para converter-se a Husserl e a um materialismo hegeliano-marxista”¹⁷. Foi por meio do ensino de Kojève e Koyré que Lacan resolveu iniciar-se na “Fenomenologia do Espírito” de Hegel (destaque para a dialética do Senhor e do Escravo)¹⁸ e no pensamento heideggeriano.

Ao escrever o seu primeiro artigo para a revista *Minotaure*, Lacan deixou transparecer um certo ideal de revolta, traduzido pelo emprego de um vocabulário marxista, falando, pela primeira vez, em

9-Freud, “Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise - A Questão de uma Weltanschauung”, in: *Obras Completas, Vol. XXII*. Rio de Janeiro, Imago, 1988, p. 214.

10 - *Op. cit.*, p. 216.

11-Mezan, *Freud, Pensador da Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 565.

12-Freud, “O Mal-Estar na Cultura”. In: *Obras Completas, Vol. XXI*. Rio de Janeiro, Imago, 1988, p. 168.

13-Lacan, *Da Psicose Paranóica em suas relações com a Personalidade*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

14 - *Op. cit.*, p. 145.

15-Roudinesco, *Jacques Lacan - esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, Rio de Janeiro, JZE, 1994, p. 73.

16-*Op. cit.*, p. 74.

17-*Op. cit.*, p. 76.

18-Hegel, *Fenomenologia del Espíritu*, México, F.C.E., 1985, p. 113.

“revolução teórica”, “civilização burguesa” e “superestrutura ideológica”, em função de sua tese de doutorado ter sido celebrada pela vanguarda materialista francesa que, apesar das divergências, reivindicavam uma mesma filiação, tanto para eles como para Lacan, a uma filosofia tida como “materialista”. O entusiasmo da juventude marxista pela versão lacaniana da psicanálise foi tão grande que se correu o risco de repetir os mesmos equívocos da confusão “freudo-marxista”.

Vale ressaltar que Lacan, num texto de 1965-66, intitulado “A ciência e a verdade”, criticou a suposta “verdade” marxista, afirmando que, mesmo que Lenin tivesse escrito que a teoria de Marx é onipotente, porque é verdadeira, vai assim mesmo deixar vazia a imensidão da pergunta aberta por sua fala; supondo-se “muda” a verdade do materialismo em suas duas faces (que, segundo Lacan, são uma só a dialética e a história), questiona Lacan por que seu poder aumentaria, ao ser feita sua teoria: *“Responder com a consciência proletária e com a ação do político marxista não nos parece suficiente.”*¹⁹

Lembramos que, até a teorização do inconsciente em termos de estrutura, Lacan utilizava o discurso filosófico para efetuar a sua valorização do freudismo. Num diálogo ocorrido entre 1954-55 com o filósofo Jean Hyppolite²⁰, iniciou-se uma mudança que já seria conseqüência direta de sua entrada no estruturalismo (com Lévi-Strauss, em 1953, e com Jakobson, em 1957). Para Lacan, tratava-se menos de alimentar o freudismo com o discurso da filosofia do que criticar esse discurso, para demonstrar o quanto a filosofia estaria, no seu ponto de vista, condenada ao impasse, em função da existência do inconsciente. Diz Roudinesco: *“Sua Majestade (Lacan) começava portanto a colocar-se como um antifilósofo que lia filosoficamente o discurso freudiano ao preço de uma condenação à morte da filosofia”*²¹.



19-Lacan, “A ciência e a verdade”, in: *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 884.

20-Lacan, “Introdução e resposta a uma exposição de Jean Hyppolite sobre a 'verneinung' de Freud”, in: *O Seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro, JZE, 1993, p. 66-76.

21 -Roudinesco, *op.cit.*, p. 262.

***Sergio Augusto Franco Fernandes** é doutorando em Filosofia da Psicanálise(IFCH/UNICAMP) e membro do Colégio de Psicanálise da Bahia.